

CLAUDIO ANGELO

A espiral da morte

*Como a humanidade alterou a
máquina do clima*

Copyright © 2016 by Claudio Angelo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Nick Cobbing

Mapas e infográficos

Eduardo Asta

Preparação

Silvia Massimini Felix

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Angelo, Claudio

A espiral da morte : como a humanidade alterou a máquina do clima / Claudio Angelo — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2685-9

1. Aquecimento global 2. Meio ambiente 3. Mudanças climáticas
4. Mudanças climáticas — Aspectos políticos 1. Título.

16-00224

CDD-304.25

Índice para catálogo sistemático:

1. Mudanças climáticas : Efeitos sociais

304.25

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	9
NORTE	21
1. Tremendo de calor	23
2. É tudo culpa sua	57
3. A espiral da morte	86
4. A crise é uma oportunidade	129
5. Os homens que encaravam ursos-polares	150
6. Faltou combinar com os russos	173
INTERLÚDIO	203
7. A geladeira do professor Inverno	205
8. Do Ártico, com carinho.....	239
SUL	271
9. Ao perdedor, as skuas	273
10. Matadores e cientistas	295
11. Não acorde o gigante	332

12. Tempestade perfeita	372
13. A faina e a fagulha	395
Epílogo — <i>Meio-dia em Paris</i>	432
Notas.....	441
Agradecimentos	453
Glossário de siglas e nomes esquisitos	455
Créditos das imagens	459
Índice remissivo	461

NORTE

1. Tremendo de calor

Upernavik é um lugar remoto, até mesmo para padrões groenlandeses. Seus habitantes chamam-na de cidade, mas ela não passa de um cocuruto de rocha perdido na ponta do Atlântico, a duas horas de voo do polo Norte e a uma hora e cinco minutos do restaurante mais próximo. Ali, 1200 almas se espremem em casinhas de madeira coloridas, num espaço tão pequeno que pode ser percorrido a pé em menos de uma hora. Tudo o que o caminhante pode ver à sua volta é um mar azul coalhado de icebergs, os picos nevados das ilhas vizinhas e com sorte, no outono, uma ou outra baleia jubarte fazendo piruetas na água.

Um típico morador de Upernavik que passe a vida inteira na região morrerá sem nunca ter visto uma árvore (uma nativa que emigrou criança para a Europa me confessou que até hoje, aos sessenta anos, não se sente bem quando passeia em bosques). Ali não há vegetação, exceto pela tundra teimosa que brota entre as pedras, pelo capim marrom que cresce em charcos infestados de moscas no verão e pelas hortas de tomate, pimentão e pepino que alguns diligentes cidadãos insistem em cultivar dentro de suas

casas. Tampouco há água encanada ou esgoto. Os vasos sanitários são baldes forrados com sacos de plástico preto grosso; dar a descarga significa amarrar a boca do saco e depositá-lo sem muita cerimônia na rua, até que um trator o recolha para ser incinerado no lixão situado entre o museu e o cemitério.

Upernavik fica em Qaasuitsup, o maior município do mundo, que tem uma área maior do que a da Bahia, mas cuja população, somada, não enche meio estádio da Fonte Nova. A cidade não tem vizinhos, exceto um conjunto de aldeias esquimós de nomes impronunciáveis, como Kangersuatsiaq e Kullorsuaq, que só podem ser alcançadas de helicóptero ou depois de algumas horas ou dias de navegação. A única ligação regular da cidade com o resto do mundo é um bimotor Dash-8 de 37 lugares operado pela Air Greenland, que pousa ali às terças e quintas, em rota para a base aérea americana de Thule, ao norte — mas isso só quando a neblina constante e as nevascas imprevisíveis permitem. O verão dura três meses; o inverno, nove, com temperaturas que batem fácil os vinte graus negativos. De novembro a janeiro, o sol nunca nasce. Atos triviais da vida, como comer fora ou passar no caixa eletrônico, demandam ali pegar um avião. Ir ao cinema, então, é quase uma saga viking: é preciso empreender uma viagem de dois dias, duas escalas e alguns milhares de dólares até a capital, Nuuk, a grande metrópole da Groenlândia (com 15 mil habitantes e quatro semáforos).

Tudo o que se come em Upernavik precisa ser pescado, caçado ou trazido de navio da Europa. Há um único supermercado, ao qual os locais se referem simplesmente como “A Loja”, abastecido periodicamente por navios quebra-gelo. Em anos muito frios, que têm acontecido com cada vez menos frequência, o mar congelado fica tão espesso que a Loja chega a passar seis meses sem receber um novo estoque. Num desses anos, a cidade calculou mal a carga de papel higiênico para o inverno. Em poucos

dias, os filtros de café sumiram das prateleiras. Algumas semanas depois, as pessoas começaram a não devolver mais os livros emprestados da biblioteca.

Nada nessa rotina dura parece assustar Finn Pedersen, um dinamarquês que há trinta anos trocou o conforto de Copenhague pela desolação magnífica da Groenlândia para dar aulas de inglês aos esquimós. Finn se apaixonou pelos amplos espaços da maior ilha do mundo, um território que desde o século XVIII pertence formalmente à Dinamarca, mas que em 1979 conquistou autonomia política e se considera hoje um país à parte — Kalaallit Nunaat, ou “Terra dos Homens”, na língua inuíte. Apaixonou-se também por uma nativa, constituiu família, fez uma casa no alto do rochedo e nunca mais foi embora. A quem tenta inquirir se a civilização não faz falta, o professor aposentado oferece um delicioso *kanelsnegl** preparado por ele mesmo e conduz à janela de sua sala. “Tenho a melhor vista do mundo aqui”, sentencia. Vendo os grandes blocos de gelo dançarem no mar lá embaixo, fica difícil discordar.

O que anda perturbando Pedersen ultimamente não é o mau tempo constante do Ártico nem o isolamento, mas sim uma coisa com a qual até bem pouco tempo atrás os moradores de Upernavik nem sonhavam em coexistir: terremotos. Nos últimos anos, a cidade tem sido constantemente atingida por abalos, quase todos discretos. Um deles, porém, pôde ser ouvido e sentido pelos moradores em 2012. Na vila de Kangersuatsiaq, a cinquenta quilômetros ao sul da cidade, um tremor mais forte ainda produziu uma atração turística indesejada: “Eles ficaram com fontes de água quente em vários lugares no meio das casas”, conta o professor. Em 2013, ele ajudou uma equipe de cientistas coreanos a instalar um

* Literalmente, “caracol de canela”, uma viciante rosca doce dinamarquesa. (N. A.)

sismógrafo no ponto mais alto de Upernavik para monitorar os tremores, de tão frequentes que haviam se tornado.

O que está causando os terremotos é um fenômeno que, ironicamente, tem uma ligação direta com os deslumbrantes icebergs que Finn Pedersen aprecia de sua sala de jantar. Sua origem está no manto de gelo que recobre 80% dos 2,2 milhões de quilômetros quadrados do território da Groenlândia.

Os nativos têm um nome próprio para essa capa glacial: *inlandsis*, ou “gelo interior”, em dinamarquês. É um vasto deserto branco, que se estende por 2,5 mil quilômetros de norte a sul e 750 quilômetros de leste a oeste em seu ponto mais largo. Seu volume total é estimado em 2,9 milhões de quilômetros cúbicos, cerca de 10% do gelo da Terra.¹ É a maior reserva de água doce do mundo fora da Antártida. Quem chega de avião à Groenlândia vindo de Copenhague e sobrevoa o *inlandsis* pode sentir pena dos vikings, que colonizaram a ilha no século x atraídos por aquilo que provavelmente foi o primeiro ato de propaganda enganosa no ramo imobiliário da história: em escandinavo, o nome do país dominado pelo branco significa “Terra Verde”. Alguns historiadores² o atribuem a uma tentativa marota do descobridor do território, o islandês Erik, o Vermelho, de convencer seus patrícios a se mudarem para lá. Outros apontam que mudanças climáticas na época da expansão viking — o chamado Período Quente Medieval, no qual as temperaturas médias subiram a ponto de tornar o litoral da ilha verde de fato — podem ter sido a causa do topônimo e da colônia nórdica. Essa Groenlândia verdejante pode estar ensaiando um regresso.

O manto groenlandês é o último grande remanescente da capa glacial que há até 12 mil anos recobria vastas porções da América do Norte, da Europa e da Rússia, e que deu ao período

conhecido pelos geólogos como Pleistoceno seu nome mais popular: era do gelo. Naquela época, o lugar onde hoje está a cidade de Nova York era coberto por uma camada de gelo de dois quilômetros de espessura.

A posição favorável, com dois terços de seu território acima do Círculo Polar Ártico, a elevação média — que chega a 3250 metros em seu ponto culminante — e a umidade que vem do Atlântico garantiram à Groenlândia as temperaturas baixas e o suprimento de precipitação que permitiram a sobrevivência do deserto gelado quando o resto da América do Norte derreteu.

A neve que desaba aos borbotões sobre a ilha se deposita em camadas, que ao longo dos anos são compactadas pelo próprio peso e formam gelo. A gravidade faz esse gelo escorrer rumo ao oceano, mas isso não ocorre de maneira aleatória: assim como a água da chuva em qualquer bacia de drenagem, o gelo escoia lentamente para o mar por meio de rios e canais. Esses rios glaciais são conhecidos como geleiras. As da Groenlândia desembocam em fiordes, braços de mar escavados pelo próprio gelo ao longo de milênios, e lançam água doce no oceano na forma de icebergs.

Várias dessas geleiras são colossais: o glaciar de Humboldt, no nordeste da ilha, tem oitenta quilômetros de largura em sua foz, quase a distância entre São Paulo e Campinas.³ A Geleira 79, batizada assim por estar naquela latitude, também no nordeste, tem trinta quilômetros de largura na foz e avança seiscentos quilômetros manto adentro.

Uma das grandes geleiras da Groenlândia está na vizinhança de Upernavik e leva o nome da cidade. Ela drena uma área equivalente à de Sergipe e desemboca numa espécie de delta, projetando grandes línguas de gelo sobre a água do fiorde. Pelo menos era assim até 2005.